

ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS E DISCIPLINARES DE UM GINÁSIO MARISTA DURANTE A NACIONALIZAÇÃO BRASILEIRA (1938-1945)¹

Ana Laura Tridapalli²
UDESC

Eixo temático nº3: Cultura e práticas escolares

O Ginásio Aurora, localizado na cidade de Caçador, pertencente a região do meio oeste do Estado de Santa Catarina, foi inaugurado em 1934, fazendo parte do Colégio Aurora que fora fundado em 1928 pelo casal de imigrantes italianos Dante e Albina Mosconi. Durante a década de 30 o casal de italianos, além dos problemas de ordem financeira, enfrentou também forte pressão do governo catarinense em virtude da política de nacionalização do ensino levada a cabo pelo Interventor Estadual Nereu Ramos alinhado ao governo federal de Getúlio Vargas.

Sendo assim, em 1938 o casal de italianos vende o seu colégio à Congregação dos Irmãos Maristas, que desde o início do século XX já havia se fixado no Rio Grande do Sul fundando muitos colégios e instituições ligadas ao ensino, como o Colégio Santa Maria e o Colégio do Rosário, em Porto Alegre. A Congregação dos irmãos Maristas, tem sua origem na França no início do século XIX com Marcelino Champagnat, explica-se assim, a maior parte dos irmãos serem desta nacionalidade. Porém, a questão do estrangeirismo, neste momento, não será um entrevero para que os irmãos assumam a direção do Ginásio Aurora, haja vista a forte ligação desta Congregação com o poder estadual local.

Procura-se neste artigo desvelar as estratégias educacionais e disciplinares praticadas pelos Irmãos Maristas no Ginásio Aurora durante os anos do governo ditatorial Varguista conhecido como Estado Novo. Esta pesquisa se torna relevante uma vez que o Ginásio Aurora foi o primeiro estabelecimento de ensino secundário da região oeste do estado de Santa Catarina, sua importância se evidencia sobremaneira, por ser ele o responsável pela formação dos novos dirigentes de uma sociedade em pleno processo de criação. No Ginásio Aurora funcionavam os regimes de externato e internato, sendo os

¹ Este trabalho é resultado de estudo acerca do Ginásio Aurora entre 1938-1945, além de ser parte integrante do trabalho de conclusão de curso em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Estudo este vinculado a um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “O Ensino Secundário em Santa Catarina entre as décadas de 1930 e 1950: redes e culturas escolares”, orientada pelo professor Dr. Norberto Dallabrida, financiada pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC pelo CNPq.

² Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina, ex-bolsista da UDESC/CNPq, (e-mail: analauratrida@yahoo.com.br).

alunos todos do sexo masculino. Estudar em um curso ginásial naqueles tempos, era privilégio para poucos, principalmente no estado de Santa Catarina, onde todos os estabelecimentos que ofereciam esse nível de ensino eram privados.

Estuda-se a cultura escolar do Ginásio Aurora - a partir de Relatórios Escolares, Regimento Interno, do Guia de Escola Marista e entrevistas com alunos egressos - focalizando a discussão na questão da nacionalização do ensino adotada pelo Governo Vargas a partir do Estado Novo, entendendo o quanto essa política envolveu as estratégias educacionais adotadas pelos Irmãos Maristas. Sendo assim, podemos dialogar com autores como, Goodson, e Juliá que estudam os currículos escolares e as estratégias de apropriação destes pelas instituições escolares. Da mesma forma, trabalha-se com a disciplinarização dos corpos através de uma análise de Michel Foucault, dialogando também com Guacira Lopes Louro que já empreendeu estudos sobre a construção de sujeitos masculinos e cristãos numa escola Marista do Rio Grande do Sul.

Disciplinas-saber e Disciplinamento corporal

O ensino secundário brasileiro passou por uma grande reestruturação a partir do início dos anos 1930, com a Reforma Francisco Campos de abril de 1931³. Entre outras mudanças, esta reforma estabeleceu o regime de seriação, e também a obrigatoriedade da frequência às aulas. Dividiu o ensino secundário em dois ciclos, o fundamental e complementar, com duração de cinco e dois anos, respectivamente⁴.

No Ginásio Aurora, em 1938, a grade curricular se aproximava bastante da prevista pela lei de 1931⁵. Na verdade, os Irmãos Maristas só não empregaram o alemão, que aparecia no currículo como facultativo. A questão do alemão, é curiosa, pois em 1942 com a Reforma Capanema ele já não aparece mais como disciplina do curso fundamental do ensino secundário. Em 1942 o mundo já presenciava a Segunda Guerra e este ano registra também a entrada do Brasil no conflito. Como o Brasil já vivia sob o espectro da nacionalização, o alemão já vinha sendo suprimido durante a década de trinta, talvez por isso os Maristas nem o utilizaram.

³ Francisco Campos era na época o ministro da Educação e Saúde Pública, este ministério criado por Getúlio Vargas.

⁴ Durante o Estado Novo no Ginásio Aurora só funcionava o curso fundamental, que também podia ser chamado ginásial.

⁵ BICUDO, J. De C. **O ensino secundário no Brasil a sua atual Legislação**. São Paulo: DEDALUS, 1931.

No entanto, o inglês e o francês eram empregados como previa a lei. O francês fazia parte da grade curricular da primeira a quarta série e o inglês da segunda a quarta. As três primeiras séries do curso ginásial possuíam quatro aulas semanais de língua francesa e o quarto ano três. A língua francesa sempre foi bastante empregada nas escolas secundárias brasileiras desde o império. Esta língua, segundo Dallabrida, (2001) foi usada pelas elites brasileiras, por ser considerada o modelo europeu estético mais bem refinado. Todavia, a presença das três línguas européias modernas – alemão, inglês e francês – no currículo do ensino secundário é explicada pela forte dependência cultural do Brasil em relação a estes três países europeus.

Entretanto, no Ginásio Aurora outro fator contribuiu para a forte presença do francês no currículo: a Congregação Marista era francesa. Mesmo que houvesse irmãos de outras nacionalidades, a grande maioria ainda era deste país. E então leva-se em consideração que o currículo deve ser analisado através dos vários agentes que fazem parte da sua elaboração. Os primeiros documentos⁶ relacionados ao Ginásio foram redigidos todos em francês, mostrando que de certa forma, mesmo tendo que utilizar o português como fonte de linguagem, os irmãos não aboliram do seu cotidiano a língua de origem.

O francês aparece como matéria obrigatória proposta pelo Ministério da Educação e Saúde, porém a quantidade de aulas e os trabalhos propostos para esta disciplina ficariam a cargo do estabelecimento de ensino. Neste sentido, o corpo docente do Aurora entra em cena apropriando e atribuindo ao francês uma maior importância entre as línguas estrangeiras. Esta apropriação vai ao encontro do que escreve Julia (2001, p.11), “Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens (...).

A apropriação Marista do currículo também se evidencia nos livros didáticos utilizados no ginásio caçadoreense, na sua quase totalidade estes livros eram confeccionados pela Frère Theophane Durand - F.T.D., editora Marista. Esta editora foi criada pela Congregação dos Irmãos Maristas no início do século XX, por volta de 1902-1903.

Mesmo que os livros didáticos adotados pelos ginásios fossem europeus, a língua de maior privilégio neste ensino certamente era o português. No Aurora, ele se fazia presente em todas as séries do curso ginásial, da primeira série, onde se ensinava a gramática normativa culminando com aulas de escolas literárias na quinta série. E em todas

⁶ Estes documentos são: Anais da comunidade educativa do Colégio Aurora e Termo de visita dos

as classes se incentivava a redação, descrição e dissertação de textos, mostrando a forte presença da técnica de redação.

A grande ênfase dada ao ensino da língua vernácula, nos anos 30 e também nos 40 do século XX, se justifica pelo intenso projeto de nacionalização posto em vigor no país. A busca por uma unidade nacional, perpassa o uso da língua. Um país com muitos idiomas não seria uma país uno. Luiz Felipe Falcão ao trabalhar com a nacionalização no Estado de Santa Catarina, escreve sobre a atitude do Interventor Federal, Nereu Ramos, em relação à obrigatoriedade do uso da Língua portuguesa nas escolas:

Entretanto, sua decisão de maior impacto viria a seguir, pelo Decreto-lei 88, de 31 de março de 1938, de acordo com o qual as escolas particulares passaram a necessitar de uma licença prévia da Secretaria do Interior e Justiça, para o que se comprometia a ministrar aulas em português em todos os níveis de ensino a adotar esta mesma língua em todas as suas placas, cartazes e diretrizes internas (...). (FALCÃO, 1998, p.143)⁷

Como resultado dessa outorga, foram fechados muitos estabelecimentos de ensino, haja vista a falta de professores preparados para ministrarem aulas em português. Assim, houve uma diminuição no número de matrículas e freqüências às aulas. No Aurora, segundo as entrevistas, mesmo os irmãos sendo de outras nacionalidades todos sabiam falar “corretamente” o português (PAGANELLI, 2006 p.4), uma razão a mais para o Ginásio não sofrer as interferências do executivo estadual.

Quando analisa-se o currículo escolar de uma instituição, tem-se que pensar as intenções veladas por trás de tal documento. Ler nas entrelinhas os dispositivos que tal objeto realmente quer produzir, e neste sentido, o currículo é um formador de identidades e subjetividades.

Nesta direção Goodson afirma:

o currículo deve ser visto não apenas como a expressão ou a representação ou o reflexo de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas. O currículo não apenas representa, ele o faz. É preciso reconhecer que a inclusão ou exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade (GOODSON, 1995, p.10).

Dessa forma, entende-se porque em um momento de intenso nacionalismo, o

Superiores.

⁷ A respeito da nacionalização do ensino no Estado de Santa Catarina ver: MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do Ensino. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1984. e CAMPOS, Cintia Machado. Controle e Normatização de Condutas em Santa Catarina (1930-1945). Mestrado em História PUC. 1992.

Ginásio Marista, passa a dar mais evidência, por exemplo ao português. Todavia, vão entrar no rol das disciplinas patrióticas, também, a História, Música e Educação Física. Programas muito alinhados com os governos estadual e federal, com o intuito de formar uma identidade nacional. No entanto, precisava-se construir primeiro o sujeito patriótico. Essa construção se daria nas escolas brasileiras.

Assim, a construção do cidadão patriótico, no Ginásio Aurora, evidencia-se também nas aulas de história do Brasil, que a partir de 1940 entra no programa do ensino secundário, como disciplina, sendo desmembrada da História da civilização⁸. Esta matéria era ensinada na quarta e quinta séries do ginásio, sendo que no programa da quarta série, estudava-se desde o descobrimento do Brasil até o governo de Pombal, dando bastante ênfase a presença dos jesuítas. A importância dada ao ensino de História do Brasil tem relação íntima com a construção da nação brasileira; todo povo tem sua história e esta tem de ser contada, principalmente os fatos “importantes” da formação desse povo.

Seguindo a mesma lógica, as aulas de música, que passam a denominar-se ‘canto orfeônico’, entram no currículo como matéria formadora do sentimento de brasilidade. No Aurora, eram os próprios irmãos que dirigiam as aulas de canto. Nessa aula, mais do que ensinar os meninos a arte do cantar, o que se ambicionava era incutir nos estudantes o amor a pátria através da música. Como escreve Marcelo Téo:

A Construção deste sentimento de brasilidade, da celebração de heróis e feitos heróicos através do entoar de canções e hinos patrióticos visava tatuar no espírito dos alunos de canto um forte sentimento de identificação com a Pátria, além de uma consciência musical autenticamente brasileira, de modo que suas ações futuras estivessem impregnadas destas “paixões cívicas”(TEO, 2002,p.21).

Além das aulas de música, os Maristas incentivavam os alunos a cantar o hino nacional todos os dias no início das aulas. Nilson Thomé afirma que “todos os dias, além da oração matinal, era cantado o Hino Nacional em sala de aula” e continua: “Os Irmãos Maristas eram grandes educadores do sentimento pátrio nos seus alunos” (THOMÉ,1993,p.59-63).

Desde a obrigatoriedade do ensino da educação física em 1931 (BICUDO, 1931, p.10), os militares tomaram para si a prática desta disciplina nas escolas brasileiras. Na verdade, existia todo um alinhamento de ideologias entre o governo varguista e os militares. Com o imaginário de defender o Brasil do inimigo externo em caso de uma

⁸ “A inclusão da História do Brasil como disciplina autônoma no currículo do ensino secundário fora determinada por Portaria do Ministro da Educação, em março de 1940. Com efeito, até aquela data a História do Brasil era estudada dentro do programa de História Geral” (HORTA, 1993,p. 181).

guerra, ou mesmo interno – comunistas e estrangeiros – incutir-se-á nos discursos oficiais a importância da formação de um contingente de “soldados” prontos para proteção da nação. Estes futuros soldados seriam formados nas escolas brasileiras, tanto primárias quanto secundárias, e os professores de Educação Física se encarregariam desta tarefa. Nesta direção, em 1939 torna-se obrigatória a instrução pré-militar para alunos menores de 16 anos, sendo que todo estabelecimento de ensino primário, secundário ou profissional seria obrigado a criar e manter uma escola de Instrução Pré-Militar, como escreve Baía Horta:

Os militares contentar-se-ão com duas iniciativas bem mais limitadas, a serem realizadas sob sua iniciativa e direção: a implantação da educação física escolar e a extensão da Instrução Pré Militar aos alunos menores de dezesseis anos, inscritos nos estabelecimentos de ensino primário e secundário. (HORTA,1993, p.30)

No Ginásio Aurora a Instrução militar foi seguida a risca, e na verdade os alunos já tinham algum conhecimento militar, haja vista que o Batalhão do Tiro de Guerra funcionava anexo ao Ginásio. A implantação de centros de Instrução Militar nas escolas brasileiras possuindo um caráter totalmente autoritário, justificava-se pelo constante imaginário do “perigo inimigo”. Cabia ao sargento do Tiro de Guerra ministrar as aulas de educação física. Os alunos tinham ginástica diariamente, das 8 às 8h30 da manhã, período que antecede a primeira aula do dia. Isto pode ser visto como uma estratégia da própria maquinaria escolar Marista, pois, nada melhor para acordar os alunos do que exercícios físicos, já que uma aula de Português, por exemplo, no início da manhã com certeza dispersaria os alunos recém acordados.

Na aula de Educação Física também eram dados exercícios ginásticos, como alongamentos, os esportes como futebol, vôlei e basquete, ficariam para os intervalos. A ginástica era um exercício mais ortopédico, no sentido de prevenir as deformidades do corpo, em contrapartida o esporte se caracteriza por ser um exercício mais competitivo e eficiente. Mas os jogos eram praticados e inclusive o ginásio possuía times de futebol que participavam até de campeonatos na sua região. Guacira discute muito bem a importância dada pelos Irmãos Maristas ao exercício corporal praticado pelos escolares:

De qualquer modo, ainda que a meta da educação Marista., (...) seja a formação moral e cristã de seus meninos, essa formação implica num corpo (que talvez pudéssemos dizer moralizado e cristianizado). Esses meninos- na sua construção como homens – deveriam ter seus corpos adestrados, experimentados e dominados pela ginastica, pelas caminhadas e pelos esportes competitivos. (LOURO,1995:90)

Nessa construção do menino-homem viril, virtuoso e, acima de tudo, um bom cristão, os exercícios físicos além de movimentar o corpo dando assim maior agilidade, - para um corpo fadigado de tanto estudar e produzir - também, segundo Guacira, ajudavam a desenvolver qualidades como a coragem e a lealdade, mas acima de tudo a ginástica e os jogos ajudavam a reprimir os pensamentos ruins, (LOURO,1995) que certamente não poderiam ocupar espaço na cabeça de um bom cristão. No Guia das Escolas também se vê a importância dada a ginástica:

A ginástica é um exercício racional e metódico que tem uma tripla finalidade: 'higienica', ela fortifica a saúde; 'estética' ela previne deformações corporais; 'economica', ela ensina a reduzir ao mínimo os esforços musculares. Além do mais ela favorece indiretamente o trabalho do espírito. (GUIA...,1932:13)

Esta preocupação com a virilidade dos escolares também esta presente no Regulamento Interno do Ginásio Aurora. O artigo 3, desse Regulamento, que se refere ao trato com os colegas, não permitia dois extremos: de um lado, as grosserias, dizer nomes e dar socos e, do outro, 'modos efeminados' e 'jogos de mãos'. O ginásio Aurora era uma instituição totalmente masculina, e não obstante, funcionando sob regime de internato; então, vê-se nessa citação do regulamento, a preocupação dos irmãos quanto a questão da sexualidade entre os meninos, uma vez que eles estavam juntos todo o tempo e sendo alunos do ensino secundário, já presenciavam os desejos e as transformações da puberdade.

Louro, no seu trabalho, em que analisa a construção de sujeitos masculinos e cristãos em um colégio Marista do Rio Grande do Sul, utiliza Foucault para pensar essa questão da sexualidade. Para o autor a sexualidade não foi silenciada, mas sim colocada "em discurso" desde o final do XVI, por mais que as instituições não falem sobre as questões da sexualidade elas utilizam-se de vários mecanismos para controlar esses "distúrbios". Assim, Foucault escreve sobre os colégios do século XVIII:

Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se fala de sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos e toda a organização interior : lá se trata continuamente de sexo. Os construtores pensaram nisso, explicitamente. Os organizadores levaram-no em conta de modo permanente (FOUCAULT apud LOURO,1995, p.95).

A questão do não falar de sexo mas, ao mesmo tempo, se preocupar e pensar nele o tempo todo é totalmente pertinente no colégio Aurora, ainda na primeira metade do século

XX. Percebe-se isto em outras partes do regulamento, como na referente ao Comportamento no Dormitório, no artigo 48, ao mencionar que os internos estarão sempre sob os cuidados dos inspetores de disciplina, e ainda na seção dos Recreios no artigo 79 fica proibido que o aluno se afaste do recreio sem a devida licença do prefeito. Segundo a entrevista com o ex-aluno Angelo Barrichelo, que estudou no ginásio durante os anos de 1942 a 1946, o irmão prefeito estava sempre vigiando, ele estava em todos os lugares, no pátio, no dormitório, nas salas de estudo e no refeitório. Esta extrema vigilância não permitiria qualquer aproximação mais profunda entre os alunos e assim, os Irmãos garantiriam a 'integridade' de seus discentes. Para os Irmãos, os meninos poderiam manter relações de camaradagem mas nada que fosse além disso, pois o que se estava formando também nesse colégio eram homens fortes e viris e a intimidade e o toque entre amigos não é, como diz Guacira (1995, p. 96), “própria de sujeitos masculinos”.

O artigo 6, ainda referente aos dispositivos disciplinares, registra a questão do silêncio, que continua sendo tratado nos artigos 7 e 8. O silêncio era de rigor nas salas de aula e durante as lições, e só poderia ser rompido quando o professor indagasse o aluno. Do mesmo modo, ele deveria existir no final do recreio, nos banheiros e dormitórios. Nas aulas nada que perturbasse a ordem poderia ser feito como estalar os dedos, falar com os vizinhos e rir. A Caderneta também traz anotações referentes ao silêncio: “Os alunos devem guardar o máximo silêncio em todas as dependências do colégio, exceto durante as horas de recreio”, e ainda “Para a entrada e saída das aulas a observação do silêncio é de rigor” (CADERNETA...,1948). Esse silêncio demasiado iria ajudar a controlar os meninos e conseguir assim os resultados da boa educação Marista.

Outro dispositivo disciplinar muito constante no Regulamento Especial do Colégio era o controle do tempo. Para tudo havia um horário pré-determinado. No período da manhã as aulas começavam às 8h30 e terminavam às 11h40 da manhã, sendo que entre elas havia um intervalo de 10 minutos. Depois das 11h40 o intervalo era maior, de forma que os alunos internos se recolhiam para o almoço, e os externos iam fazer a refeição em sua própria casa. Esse período de descanso estendia-se até a 13h30, quando iniciava a quarta aula do dia. É interessante perceber o intervalo não somente como um momento de descanso, mas sim como uma pausa produtiva, necessária para o bom funcionamento da rítmica do tempo. Essa pausa seria o momento em que os alunos, “reabasteceriam” suas forças. Assim, nos recreios, incentivava-se a prática de jogos, e proibia-se o estudo.

O Sábado era um dia sagrado para a congregação Marista, esse dia era reservado ao culto à Nossa Senhora. Da mesma forma, não havia aulas nos dias festivos, feriados e nas

férias escolares de junho. Nada melhor para controlar um aluno do que ensinar a ele próprio a autodisciplina. Esta mecânica do tempo mantinha uma regularidade e uma cronologia que, se pode dizer, adentrava os corpos do alunado, fazendo com que depois de alguns meses eles mesmos se auto-regulem, e essa regulação era também fisiológica

Assim, na verdade, essa regulação dos horários permite um ajustamento do corpo que é também uma regulação da alma. E para administrar a alma de seus alunos os mestres Maristas imprimiam no horário escolar sempre que possível, um período de oração. Se rezava ao pé da cama, quando se entrava na sala de estudo, na missa e no refeitório. A presença da religião estava em todos os lugares, nas salas de aulas – crucifixos; na fachada do colégio - o busto do padre Marcelino Champagnat; e até mesmo a vestimenta dos irmãos - batina preta com um crucifixo. Os próprios alunos carregavam cada qual o seu terço, que seria utilizado nas horas de oração.

As aulas de religião, segundo os alunos entrevistados, eram diárias, nelas se aprendia a vida dos santos e os escritos da bíblia sagrada. De todos os santos, além da Virgem Maria, o mais evidenciado era o venerável fundador da congregação Marista, Marcelino Champagnat – que era usado como exemplo de virtude – e era nele que os alunos deveriam espelhar-se, como nos fala Ângelo Barrichello “Ele era visto como um guia. O guia espiritual.” (BARRICHELLO, 2006, p.12)

Sendo assim, pensa-se nas palavras de Julia: “a cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações que ela mantém com o conjunto de culturas que lhe são contemporâneas: a religiosa, política ou popular” (JULIA, 2001, p.10). É nesse sentido que se entende a ênfase dada, no Ginásio Aurora, a disciplinas como História do Brasil, Canto Orfeônico, Português e Educação Física. Eram estas as matérias a que o governo estadonovista atribuía o papel de formadoras do novo cidadão brasileiro.

Sobretudo, a Educação Física serviu para a construção do cidadão soldado que deveria estar sempre presente na defesa da pátria amada, mas também foi utilizada como um espaço de formação de corpos ágeis e eficientes que pudessem conviver neste mundo de transformação, em que a competição se tornava a base das relações sociais. Da mesma forma as estratégias de esquadramento do tempo e espaço serviam para que os irmãos pudessem controlar seus ginásianos da melhor maneira possível.

A passagem desses meninos pelo ginásio caçadoreense introjetou-lhes certas regras e comportamentos que, até então, certamente não compunham seu habitus.

Comportamentos que são tidos como naturalizados, mas que foram construídos no dia a dia naquela instituição escolar, por uma pedagogia particular: a Marista.